BALDINI, Ugo. 2018. *Portugal, a Ciência Jesuíta e a Carreira da Índia (Séculos XVI a XVIII). Coletânea de Ensaios*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 848 pp., ISBN 978-972-31-1612-0

*Luís Miguel Carolino**

Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias 39-40 (2021), 275-278. ISSN 0870-4546
DOI: https://doi.org/10.34619/7ruw-42a2

Nas últimas décadas têm-se somado os estudos sobre as práticas científicas dos jesuítas no período anterior à supressão da Companhia de Jesus, ocorrida em 1773. Descritos na linha da tradição iluminista como adversos ao desenvolvimento científico, os estudos mais recentes têm revelado uma imagem mais complexa e multifacetada dos jesuítas que se dedicaram à ciência no período inicial de construção da ciência moderna.

Esta renovação historiográfica é particularmente significativa para o caso português. Por um lado, dada a profunda influência cultural dos jesuítas em Portugal e o facto de este país não se ter destacado na cena científica internacional, apesar de uma fase promissora no início do período de Expansão marítima, Portugal foi visto como um caso paradigmático da influência nefasta dos jesuítas. Por outro lado, resultado da Expansão extraeuropeia, aos jesuítas que operavam no quadro da Assistência Portuguesa da Companhia de Jesus foi reconhecido um papel ativo de intermediação cultural, em particular entre a Europa e o extremo asiático. Foi, assim, por exemplo, através de jesuítas embarcados em Lisboa, que chegaram à China notícias das recentes descobertas astronómicas realizadas por Galileu, com o auxílio do novo instrumento de observação, o telescópio.

Foi neste contexto historiográfico que a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu, em boa hora, publicar *Portugal, a Ciência Jesuíta e a Carreira da Índia (Séculos XVII a XVIII)*, de Ugo Baldini. Este livro reúne, traduzidos para português, um conjunto de artigos escritos maioritariamente em inglês e italiano durante os últimos vinte e cinco anos por aquele que é, sem dúvida, um dos protagonistas desta renovação historiográfica. Após os estudos inaugurais de Luís de Albuquerque, que incidiram sobretudo em arquivos portugueses, Baldini iniciou uma investigação sistemática dos matemáticos da Companhia de Jesus que

* CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
ORCID iD: https://orcid.org/0000-0002-0138-2181. *E-mail*: luis.miguel.carolino@iscte-iul.pt.

operaram em Portugal e nos espaços de influência da Assistência portuguesa. Para além do conhecimento dos arquivos e bibliotecas portugueses, este historiador concentrou-se sobretudo em arquivos italianos e, em particular, no arquivo geral da Companhia de Jesus (*Archivum Romanum Societatis Iesu*), onde se preservam quase intactos os registos dos jesuítas portugueses e da Assistência portuguesa do período moderno. Este importante arquivo romano reúne maioritariamente informação de carácter administrativo, bem como um largo manancial de cartas, ordens e censuras internas. Explorando-o com particular competência e conhecimento, Baldini traçou o quadro geral do sistema de ensino da matemática em Portugal e do sistema missionário na Ásia, do seu contexto local e da circulação de informação científica.

O autor demonstrou que se formou em Lisboa, em torno do Colégio de Santo Antão, uma comunidade de matemáticos particularmente ativa nas primeiras décadas do século XVII. Como, por um lado, eram quase inexistentes matemáticos jesuítas portugueses na transição do século XVI para o século XVII e, por outro, a Companhia de Jesus era uma organização de dimensão internacional, quando D. Sebastião solicitou aos jesuítas a abertura de um curso de cosmografia e náutica, que viria a concretizar-se na designada "Aula da Esfera", as autoridades da Companhia fizeram rumar para Lisboa alguns dos seus mais destacados matemáticos. Entre estes encontravam-se figuras como Christoph Grienberger e Giovanni Paolo Lembo, que haviam estudado com o célebre matemático Christoph Clavius, professor no Collegio Romano e responsável pela promoção da matemática nos *curricula* jesuítas. Estava lançada a semente para o estabelecimento de uma comunidade científica devidamente articulada e com sólidas relações com os seus pares internacionais.

O ensino continuado de matemática no Colégio de Santo Antão acabaria por estar na origem da criação de uma comunidade de matemáticos portugueses no século XVIII, entre os quais se encontrava, por exemplo, o padre Diogo Soares, que mais tarde acabaria por ter um papel decisivo no processo de determinação das fronteiras do Brasil.

Mas o significado desta comunidade de matemáticos jesuítas foi bem além das fronteiras portuguesas. Como os jesuítas que se dedicaram às missões na América Portuguesa e na Ásia operavam no contexto da Assistência portuguesa, o Colégio de Santo Antão tornou-se uma plataforma de circulação de pessoas, ideias e informações entre a Europa e os outros continentes. Neste processo de intermediação cultural, Baldini valoriza sobretudo as relações com a Ásia e, em particular, com a China.

Portugal, a Ciência Jesuíta e a Carreira da Índia (Séculos XVII a XVIII) organiza-se, assim, em duas partes distintas. A primeira parte reúne os artigos publicados sobre o ensino e o cultivo das ciências matemáticas na Assistência Portuguesa, com ênfase no Colégio de Santo Antão, relacionando-as com as missões asiáticas. Graças a esses artigos, é agora possível

ter o quadro geral e rigoroso sobre quem ensinou matemática entre os jesuítas portugueses e que conteúdos foram ministrados entre o estabelecimento da Aula da Esfera, em 1590, e a expulsão da Companhia de Jesus, em 1759.

A segunda parte centra-se na prática e no ensino das ciências nas missões asiáticas. Nos artigos aí reunidos, Baldini discute com profundidade as diferentes dinâmicas de interação cultural ocorridas na Índia e na China, bem como o papel de Macau como plataforma logística e de ensino no Extremo Oriente.

O livro termina com dois estudos muito bem documentados sobre Claudio Filippo Grimaldi e Guillaume Bonjour, que são, por si, talvez as publicações mais detalhadas sobre a vida e ação destes religiosos (Bonjour foi um agostinho que integrou a missão dos jesuítas franceses e o seu trabalho de mapeamento na China).

Baldini evita expressamente entrar no debate de carácter ideológico sobre o papel dos jesuítas no designado "atraso científico" português, debate que, tendo tido origem na segunda metade do século XVIII, se prolonga até aos dias de hoje. Como afirma o historiador italiano na introdução ao livro, "os artigos coligidos neste volume não veiculam nenhuma tese específica a favor ou contra essa correspondência". O seu objetivo é antes "fornecer materiais que ilustrem um conjunto de factores que quaisquer interpretações devem considerar" (p. 13). Ainda assim, o volume é permeado de uma visão algo decadentista da ciência e das práticas científicas desenvolvidas em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Contudo, na sua opinião, as razões dessa marginalidade não se encontram na comunidade de matemáticos jesuítas. Se é certo que se reconhece que o "reduzido número de cientistas [leia-se, matemáticos] jesuítas em Portugal, quando comparado com os de França, da Alemanha, de Itália, ou dos territórios austríacos" (p. 268), não era propício à afirmação desta comunidade, Baldini tende a enfatizar, por um lado, o pendor conservador dos filósofos jesuítas portugueses (ou seja, mais ligados ao "modelo escolástico") e, por outro lado, o contexto da sociedade portuguesa, pouco encorajador ao desenvolvimento científico. Nas palavras do historiador italiano, os matemáticos jesuítas "não encontraram no ambiente cultural de Lisboa estímulos apropriados para levar a cabo investigações relacionadas com os desenvolvimentos contemporâneos das ciências matemáticas" (p. 193).

Como foi afirmado, nos artigos que estiveram na origem de *Portugal, a Ciência Jesuíta e a Carreira da Índia,* Baldini pretendeu delinear em traços gerais o ensino de matemática e as práticas científicas em Portugal e nas missões asiáticas, recorrendo, para isso, sobretudo, a fontes primárias de carácter administrativo. Daqui resulta, talvez, uma tendência para caracterizar os jesuítas que se dedicaram à ciência como um grupo demasiadamente homogéneo – "quando se utiliza a expressão 'cientista jesuíta', o adjectivo deve ser considerado, necessariamente, mais importante [do] que o substantivo" (p. 645) – e tomar como

um dado adquirido a existência de uma "ciência jesuíta", conceito que se encontra, aliás, no título da própria coletânea.

O estudo com base nos manuscritos que resultaram dessa atividade científica dos jesuítas matemáticos, mas também dos filósofos, pode dar a conhecer uma imagem algo diferente e mais complexa desta comunidade de intelectuais. Se a análise do pensamento de autores e/ou teorias específicas não raramente revela uma história de tensão e oposição entre os jesuítas que se dedicaram à prática científica, ela demonstra também que a interação das comunidades de matemáticos e filósofos jesuítas foi mais fluida do que, por vezes, se pensou. Cabe aos historiadores partirem das contribuições originais, muito bem documentadas e detalhadas de Ugo Baldini, para aprofundarem a investigação sobre a ciência e as práticas científicas dos jesuítas que operaram em Portugal e nas áreas de influência portuguesa.

Em *Portugal, a Ciência Jesuíta e a Carreira da Índia,* o autor fornece aos leitores da língua portuguesa um relato particularmente inovador e atualizado sobre a atividade científica dos jesuítas em Portugal e seu império durante um período crucial de construção da ciência moderna. Resultado de décadas de investigação empenhada, este livro é altamente recomendado aos historiadores da ciência moderna e da Companhia de Jesus e a todos os interessados na história cultural de Portugal e da Europa.